

A IMPRENSA

REVISTA SCIENTIFICA, LITTERARIA E ARTISTICA

DIRECTOR LITTERARIO—*Afonso Vargas*

ASSIGNATURA	Publicação quinzenal	EXPEDIENTE
Lisboa: cada numero, pago no acto da entrega... 3000 réis Provincias e ilhas: trimestre ou 6 numeros..... 3200 . Brazil (moeda fraca): semestre ou 12 numeros... 12000 . Numero avulso..... 3000 .	N.º 56	Toda a correspondencia deve ser dirigida á rua da Imprensa Nacional, St. Lisboa. Assignatura paga adiantada. Artigos recebidos, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

A DEMISSÃO DE BISMARCK

Abandonou o primeiro plano na scena do mundo um homem que durante mais de quarenta annos o havia enchido com a sua forte personalidade e com a sua irresistivel energia, que dirigira espiritos e encaminhára correntes, que dominou paixões e que agitou interesses; que, n'uma palavra, teve por vezes pendente dos seus labios de ferro a paz ou a guerra, a liberdade ou a morte.

N'um periodo em que se propala e afirma que já não ha grandes homens que possam intervir na marcha dos acontecimentos e na successão das idéas, a figura do poderoso chancellor, destacando-se altiva e erecta da sebe de cabeças que mais ou menos têm passado na vida contemporanea, é um desmentido ou pelo menos uma negação aos que tal aventam, e nenhum de nós se pôde furtar ao dominador influxo que nos perturba o cerebro, levando-o a formular a sua interrogação ansiosa sobre se a Humanidade não será hoje o que foi hontem, e se esses taes grandes homens, que as novas theorias intentam diminuir ou annullar, não são a final os elementos determinantes da direcção que a corrente do mundo toma n'um dado momento da Historia.

Não nos atrevemos nem a asseverar nem a contestar; registâmos sómente, e estamos mesmo inclinados a suppor que se um grande homem é, na maioria dos casos, a resultante de um conjuncto de acontecimentos e de causas, por outro lado elle pôde tambem influir depois n'essas causas e n'esses acontecimentos, d'elles extrahindo até effeitos e corollarios novos.

E assim, ao mesmo passo que domina é dominado, e quando suppõe actuar de fórma que os demais obedecam, e porventura o consegue, por seu turno obedece ás mil influencias estranhas, imprevisitas umas, inevitaveis outras, que atravessam a trama do mundo, e que, em summa, são o mobil secreto, mas insupprimivel, da propria consciencia e da mesma Humanidade.

Tal é o phenomeno que se observa sempre na passagem de um d'esses astros de primeira grandeza pelo horizonte dos povos, e que se, por um lado, nos faz relegar como insubsistente o precetto demasiado dogmatico dos que negam a acção de

uma individualidade superior, na catechese de um dado principio ou na sua encarnação em facto n'um determinado momento, pelo outro nos leva a restringir até ao exequível a acção d'essa individualidade, sempre condicionada por tantos e tão oppostos motivos, por tantos e tão encontrados elementos.

Os grandes homens, pois, quanto a nós, influem realmente, mas dentro de uma certa esfera, e em virtude de factos anteriores e de condições de meio, de educação, de character e até de clima, para que não concorreram, e cujas consequencias e effeitos tambem os facetam e orientam a elles.

Ainda nem um só d'aquelles a quem deva ser dado esse nome fugiu a esta regra, e nenhum pôde collocar-se fóra da natureza ou fóra da sociedade, a ponto de se eximir ás suas leis.

E o caso de Bismarck. Quando o olhâmos, ao primeiro impulso elle ainda se nos afigura maior do que realmente é, e a sua envergadura possante assombra-nos e quasi nos esmaga. Vistos, porém, mais de longe os antecedentes que o explicam e determinam, e mais de perto os factores com que trabalhou, e os elementos com que durante um tão largo periodo de tempo fez as suas diversas e curiosissimas analyses experimentaes de investigação social, se ainda é grande bastante para avultar a distancia e projectar uma larga sombra, não é todavia um deus formado com materia diferente d'aquella pobre argilla, vulgar e imperfeita, de que saíram os mortaes; e se o quizessemos transmutar em idolo até haveríamos de ver que a base é realmente... a de todos os idolos.

Posto isto, vejâmos um pouco qual é a obra do grande prussiano, e qual a missão que elle foi chamado a cumprir na sua patria e perante o mundo.

Ninguem ignora que depois do dia triste de Iena a Prussia entregue a si mesma vira os seus regimentos capitularem sem combater, as fortalezas render-se sem dispararem um tiro.

Frederico Guilherme era um mystico, e pouco ou nada fez por si proprio para dar ao seu reino a hegemonia que elle viria a exercer mais tarde em toda a Alemanha, apesar de se dizer «aquelle que a Providencia reservára para a salvação da Prussia».

Por isso, foram allemães, estranhos a essa Prússia, que, segundo uma phrase que já aqui citámos, «é uma inundação de slavos contida por diques germanicos», os que prepararam a regeneração d'ella, e ninguém desconhece os nomes de Stein, oriundo de Nassau, de Scharnhorst e Hardenberg, filhos do Hanover.

O maior d'estes, Stein, dizia:

«É preciso reanimar o sentimento da existencia commum, utilizar as forças que dormitam, concluir uma alliança entre o espirito da nação e o espirito da auctoridade.»

Para o conseguir poz em pratica um conjuncto de medidas, obedecendo todas a esse pensamento; aboliu a servidão da gleba; concedeu ás populações ruraes o direito de propriedade, ás cidades a faculdade de nomearem os seus magistrados e de elegerem corporações para administrarem os seus negocios; reformou a alta administração n'um ponto de vista liberal, e conseguiu que as gradações militares, até então reservadas aos nobres, fossem a recompensa da coragem e do merito.

Por seu turno Scharnhorst, nomeado ministro da guerra, estudou a fórma de illudir a clausula do tratado de Tilsitt, que reduzia o effectivo do exercito prussiano a 42:000 homens, e fez consistir a salvação nacional no serviço obrigatorio, o que preparou n'um curto praso 150:000 homens, que haviam todos recebido ensino militar e passado pela fileira, d'onde saiam promptos e adestrados; e finalmente, uma associação fundada por alguns professores, e a que foi dado o nome de Associação da Virtude (*Tugend-Bund*), ramificava-se a breve trecho por toda a Alemanha, e proseguia o seu fim, a restauração da força e da moralidade germanicas.

Hardenberg, em summa, continuava o plano das reformas, libertando a gente dos campos, estimulando o trabalho, abolindo certas leis de excepção contra os judeus, creando a universidade de Berlim, d'onde Fichte dirigiria em pouco o seu *discurso ao povo allemão*; e assim «nasceu nas lagrimas, no sangue e no desespero, mas tambem na oração e na fé pelo ideal da liberdade, a consciencia da patria».

Varias alternativas de grandeza e de decadencia, um ou outro revez e algumas incertezas na trajetoria d'essa linha, que vem dos fins do seculo passado até ao presente, e que ha de definir uma nacionalidade, não modificam nem destroem os alicerces do futuro imperio allemão, tal como o vemos agora.

E será em vista d'esse alto designio que a Austria acabará por ser relegada da Alemanha, que a confederação germanica se suicidará, que a Dieta de Francfort terá de desaparecer, até que uma voz bastante ameaçadora proclame emfim a constituição d'esse imperio.

Em 1833 a hegemonia commercial preparava já a hegemonia politica da Prússia, alguns annos mais tarde esta tornar-se-ha um facto, e constituindo um imperio, não como o sonhára Napoleão nem como o delineára Metternich, completará a grandeza d'esse colosso, e influirá até na ordem geral do mundo.

A largos traços eis o terreno em que Bismarck foi chamado a evidenciar-se e a agir.

É claro que só uma alta intuição, uma poderosa intelligencia e uma tenacissima vontade podiam re-

solver os complexissimos problemas que se achavam postos; mas se é verdadeiro o aphorismo *ex nihilo nihil*, ninguém pôde suppor que o *conde de ferro* creasse a Alemanha do nada, se porventura antes d'elle outros, embora menos felizes ou menos energeticos, que não menos intelligentes nem menos luctadores, não houvessem preparado as cousas para a realisação de tão gigantesco plano.

As mil causas diversas que entram no desenvolvimento e no predomínio de uma idéa não cabem todas n'um cerebro só, por mais assombrosamente grande que elle seja; por isso é hyperbolico suppor que a Germania moderna seja a exclusiva obra de um homem, mesmo quando esse homem é Bismarck.

Collaboraram com elle varios factores, uns que a sua larga intuição previu e encaminhou, outros que surgiram do meio mesmo do conflicto dos individuos e das idéas, do embate dos sentimentos e dos factos.

E succede agora que aquillo que o activo e altivo chancellor haja edificado com o concurso d'estes diversos elementos será perduravel e grandioso, o que for a resultante apenas da sua imaginativa, embora prodigiosa e fecunda, da sua energia, embora formidanda e irresistivel, da sua previsão, embora bem larga e bem longa, cairá fatalmente, desde que não responda aos eternos instinctos de verdade e de justiça que são o fundo do nosso ser moral e collectivo.

A força sobreleva o direito, dizia elle; mas as obras de força, quando as não escora o direito, esboroam-se e caem, por isso o chancellor caiu quando quiz collocar-se mais alto que um milhão de consciencias.

E caiu exactamente em virtude do seu proprio axioma; caiu, porque vivendo pela força, esta havia de eliminalo no dia em que se propozesse lutar com ella; caiu, emfim, porque se effectivamente é verdadeira a sua divisa, convem não esquecer que sendo o scopo da civilisação dar ao direito essa força, e fundir n'uma só duas energias que dissociadas pouco ou nada lográo realizar de duradouro, aconteceu que achando-se um escudado com a outra, Bismarck tinha de ser esmagado ou pelo menos annullado, porque soára na historia a hora do seu desaparecimento da scena do mundo, para dar lugar a outros factores que entram agora em exercicio.

Será um bem? Será um mal? No ponto de vista da grandeza material da Alemanha não o sabemos dizer; no ponto de vista da sua grandeza moral, e da civilisação humana, achámos que será um bem, porque no momento em que um homem ou uma instituição começam a ser uma causa perturbadora e um factor de retrocesso, esse homem e essa instituição constituem um perigo ou um estorvo, e ou são prejudiciaes ou são inuteis.

Depois Bismarck é d'aquelles espiritos que se admiram, mas que se não amam no sentido completo e generoso da palavra.

Ninguém — a não ser um myope — lhe pôde contestar a sua grandeza; ninguém porá em duvida os seus innumerables serviços á constituição territorial da Alemanha; não podem esquecer as suas gloriosas campanhas diplomaticas, prenúncio das campanhas de outra ordem que elle havia de fazer ganhar ao seu rei e ao seu paiz; e em summa parece que ultimamente a Europa e o Mundo lhe devem ainda, segundo se assevera, a manutenção da paz e o pre-

domínio das tendencias conciliadoras; mas, precisamente porque era um forte, que larga hecatombe de victimas elle não fez para chegar e vencer! Que enorme, que densa mancha não é a que lhe escurece a face luminosa da sua vida se pensámos nos meios autoritarios e tyrannicos que tantas vezes empregou para annullar, para supprimir, para abater os que o incommodavam!

Póde ser que os seus panegyristas escrevam, e que a propria Historia affirme mais tarde que não se póde ser gigante sem esmagar os pequenos, e que se não é grande homem senão tendo-se a respeito de certos principios uma noção diversa da geral, e applicando á victoria de certas causas certos meios diferentes dos d'aquelles que se deixam levar apenas pelo influxo generoso das idéas e dos sentimentos. Póde ser. E nem é talvez opportuno ajuizar ainda o que o grande ministro fez de bom e de mau, de civilizador e de delecterio, no ponto de vista dos interesses geraes.

Mas, para nós, ingenuamente o confessámos, elle seria maior, se houvesse sido sempre mais humano; e mais sympathico se houvesse sido sempre generoso.

Nas culminancias do poder é isso uma utopia? Não o sabemos, mas se os philosophos e os politicos têm de abençoal-o por muitos dos seus actos, quer-nos parecer que terão igualmente de invectivar-lhe outros, e se não elles, ao menos os simples, os bons, os obscuros da terra, nunca poderão esquecer que nos esplendores d'esse astro havia tambem muita e muita escuridão...

Dizem que eram altos, que eram piedosos e que até eram justos os seus intuitos, mas se o eram, e em parte estamos muito dispostos a acreditar-o, os meios de que a miude se serviu para os pôr em pratica, é que nem sempre foram os mais dignos e puros, e se alguma hora pensou nos desherdados e nos proletarios, se governou e legislou para o povo, não quiz nunca governar nem legislar com elle, e mais do que uma vez o contrariou até nas suas aspirações e nas suas sympathias.

Enganâmo-nos ou somos injustos n'esta maneira de apreciar Bismarck? Quer-nos parecer que não. No emtanto, os factos hão de proval-o talvez em breve; e então será tempo de corrigir ou de ampliar o que hoje escrevemos.

Resumindo, afigura-se-nos que se o velho chanceller caiu, é porque a força das idéas assim o determinou, e porque a corrente da opinião, que procura accentuar-se agora, já não dirige a Alemanha no sentido para onde Bismarck queria encaminhal-a, porque já não dirige tambem o mundo.

Só são grandes e impreciveis as obras edificadas pelas collectividades ou por ellas inspiradas e fortalecidas, e todos os que a ellas se oppozerem ou que imaginarem contraminal-as serão irremissivelmente arrastados na onda, quando não ficarem desfeitos de encontro aos recifes que a cada passo affloram n'esse oceano revoltó e mysterioso que se chama a Humanidade.

Bismarck não caiu em consequencia d'isso? Não o julgámos, porque a sua lucta tenaz, primeiro com a Igreja, que acabou por vencel-o, agora com o socialismo que se igualmente o não havia vencido já,

é porque até certo ponto Bismarck caminhou com elle, não occultando até, como já aqui o mostrámos em tempo, que convivera muito com Lassalle—prova que o grande chanceller, apesar de reconhecer a verdade e a justiça que ha no fundo de todas ou quasi todas as reclamações d'essa escola, imaginava poder canalisal-a e dirigil-a, sem que á sua poderosa e lucidissima intelligencia se desenhasse o perigo de tentar conter a caudal, que tão forte é!

Mas se assim não foi, cairia amanhã ou depois, como cairão sempre aquelles que pensarem em atrazar qualquer dos *momentos* que fatal e invariavelmente se vão succedendo na Historia.

E o futuro o dirá.

AFFONSO VARGAS.

NECROLOGIA DOS NOYOS

COSTA ALEGRE¹

Foi quando abril sorriu, pondo um beijo de luz no espaço indefinido e immenso, e um manto de verdura na terra atormentada e revoltá; foi quando se perdiam já ao longe os derradeiros compassos do tenebroso inverno; quando a Natureza se vestiu de flores, e nas almas renasceu a esperança, que esse pobre rapaz, sonhador e poeta, partiu de vez para os distantes paizes do incognoscivel, acorrentado e hirto nas tábuas de um атаude...

Acompanhou-o, como uma ultima vibração de tudo quanto elle amára no mundo, essa mocidade que tanto lhe queria e a quem elle quizera tanto; e desfolharam saudades sobre a sua campa os amigos do seu coração ou do seu espirito, em cujas almas esta morte as fizera desabrochar n'um momento, e que assim lhe vieram render um derradeiro preito.

O derradeiro, sim, porque amanhã, quando sobre o seu cadaver frio tiverem passado já as inclemencias do tempo e as fermentações da materia, apenas na lembrança de um ou outro fiel se conservará *vivo* e inolvidavel o perfil sympathico d'esse infeliz, d'esse predestinado rapaz!

Ah! que é triste morrer assim, em pleno abril da existencia e da natureza! Triste e desalentador!

E no emtanto, quem o saberá nunca? Bem póde ser que seja elle agora o ditoso, agora que já não soffre e que já não sente! Bem póde ser que a Morte, amerciando-se do seu triste destino na existencia, viesse dar-lhe n'um algido beijo a primeira e a unica alegria que porventura lhe fôra concedido gosar!

N'esta hora ennevoadá e cruel para todos os que um instante se demoram á beira do abysmo da vida, querendo contemplar-lhe o fundo ou adivinhar-lhe as correntes, morrer é talvez a suprema libertação por que se póde ancian, e aquelles que não tiverem o condão ou de se insensibilisar pela indifferença ou de se retrahir pelo desprendimento, os que emfim não forem bastante philosophos para encararem o mundo como elle é, ou bastante scepticos para darem ás cousas e ás pessoas o unico e real valor que

¹ Costa Alegre era estudante do 3.º anno de medicina. Succumbiu em Alcobaca a uma tísica. Como poeta era um deliado e um sentimental no sentido generoso da palavra. Aqui mesmo nos honrou mais de uma vez com a sua collaboração distincta.

ellas podem ter, só com certeza encontrarão a doce tranquillidade entresenhada na absoluta, na sempiterna paz de uma sepultura...

Costa Alegre devia ser, era sem duvida, um d'esses. Pela sua côr elle estava amputado de todos os gosos que o seu coração desejava; pela sua alma, tão luminosa e tão branca, julgava-se com pleno direito a elles, luctava por conquistal-os, e d'ahi deveria surgir um embate medonho que acabou por derrotal-o. Caiu, vencido, pois.

Como esses exquisitos e maravilhosos vasos que um ligeiro toque fendeu, quasi imperceptivelmente, mas que lento e lento deixam repassar o licor que continham, o coração do pobre morto fendeu tambem, desde que veio bater de encontro ás realidades e ás exigencias de uma civilisação estranha e de uma raça diversa, e o licor da vida foi-se-lhe sumindo, sumindo, até desaparecer de todo...

Amiel disse algures que quanto mais complicado e perfeito é um mecanismo, mais fragil é; ahi está por que Costa Alegre morreu. Por forte que physicamente fosse, o seu ser psychico, á maneira que se depurava e se engrandecia subtilizando-se, mais susceptível se tornava, e maior perigo corria. Veiu uma decepção, quebrou-o...

Não, elle não fôra feito para resistir. Sentia demasiado, e esses estados d'alma não os crystallisava em estrophes mais ou menos buriladas, estavam-lhe na propria natureza, na funda raiz de si mesmo, e por isso havia de ser fatalmente e implacavelmente eliminado.

Até nos recessos do coração a lucta da vida é uma dolorosa verdade! Vence o mais forte. O d'elle era fraco, e succumbiu!

Pobre visionario! Se segundo uma encantadora e phantasiosa lenda que um sonhador formou e já aqui uma vez citámos, as almas dos poetas que morrem vão perder-se na luz do sol que as absorve, e que com ellas forma os raios com que illumina o mundo, faz florir os germens e vem aquecer os ninhos, a tua, que a esta hora nos contempla e nos sorri, gosará talvez, n'um extasis, do divino amor que aqui em vão buscou, emquanto nós, relendo os teus versos em que já ás vezes pairava a nuvem de uma debandada proxima, vamos murmurando threnos de uma nostalgia ardente d'esse paiz ideal e azul, que como tu imaginámos ver, e psalms de uma unção beata em louvor d'aquelles que, ainda como tu, tiveram por missão no mundo—soffrer e amar...

E tambem uma fôrma esta de venerar a memoria e de relembrao o teu nome, e não será a memoria piedosa nem a mais passageira talvez...

AFFONSO VARGAS.

JULIO CESAR MACHADO

Retrato litterario

Não queremos deixar de saudar este bello e sentido estudo, que á memoria de um homem duplamente querido para nós, pelo character e pelo espirito, dedicou um escriptor novo, cheio de talento e de sinceridade.

O sr. Alfredo de Mesquita, que nem sequer de vista conhecemos, revelou-se, nas paginas que aca-

bámos de ler, um prosador original e distincto, um delicado analysta e um narrador attraente, e ao chegarmos ao fim, a physionomia sympathica e inconfundivel do mallogrado homem de letras, que a Fatalidade arremessou brutalmente a uma cova, apparece-nos aureolada de uma luz cariciosa e doce, e envolta n'um nimbo de penetrante e immarcescivel saudade,—a saudade que nos deixam sempre aquelles que só foram bons e só serviram o Bello.

E Julio Cesar Machado foi um d'estes. Na rútila brancura da sua alma, aberta a tudo o que era generoso e alto, amigos e simples indifferentes, puderam ver o fino exemplar sem mancha do que é, do que deve ser um homem de espirito e o espirito de um homem.

No seu estylo, tão desprezencioso e tão simples, todos lográmos admirar como se é ao mesmo tempo algum sem deixar de se ser natural e humano.

Isto resalta das vivas paginas do sr. Alfredo Mesquita, que soube ver e comprehender o seu modelo, e que o retratou por isso com o delicado amor de um artista e com a unção religiosa de um amigo.

Nós não saberíamos dizer melhor da impressão que o seu livrinho nos fixou no espirito, em vista do que, como leitores, e como publico que muito estimámos o saudoso folhetinista extinto, sómente lhe diremos—obrigado pelas suas bellas palavras e pela sua piedosa acção.

AFFONSO VARGAS

SOFALLA

Acompanhando as noticias e informações, que poderámos colligir de varias obras e memorias sobre cousas ultramarinas, e, especialmente, a respeito da notavel villa e districto de Sofalla, na Africa oriental (provincia de Moçambique), apresentámos no n.º 53 d'esta revista uma excellente gravura da antiga fortaleza, que alli foi edificada no seculo xv pelo feitor Manuel Fernandes, o valente portuguez, que, fallecido em 1506, Pero d'Anhaya lhe succederá no governo das terras, que o intrepido navegador havia conquistado e occupado.

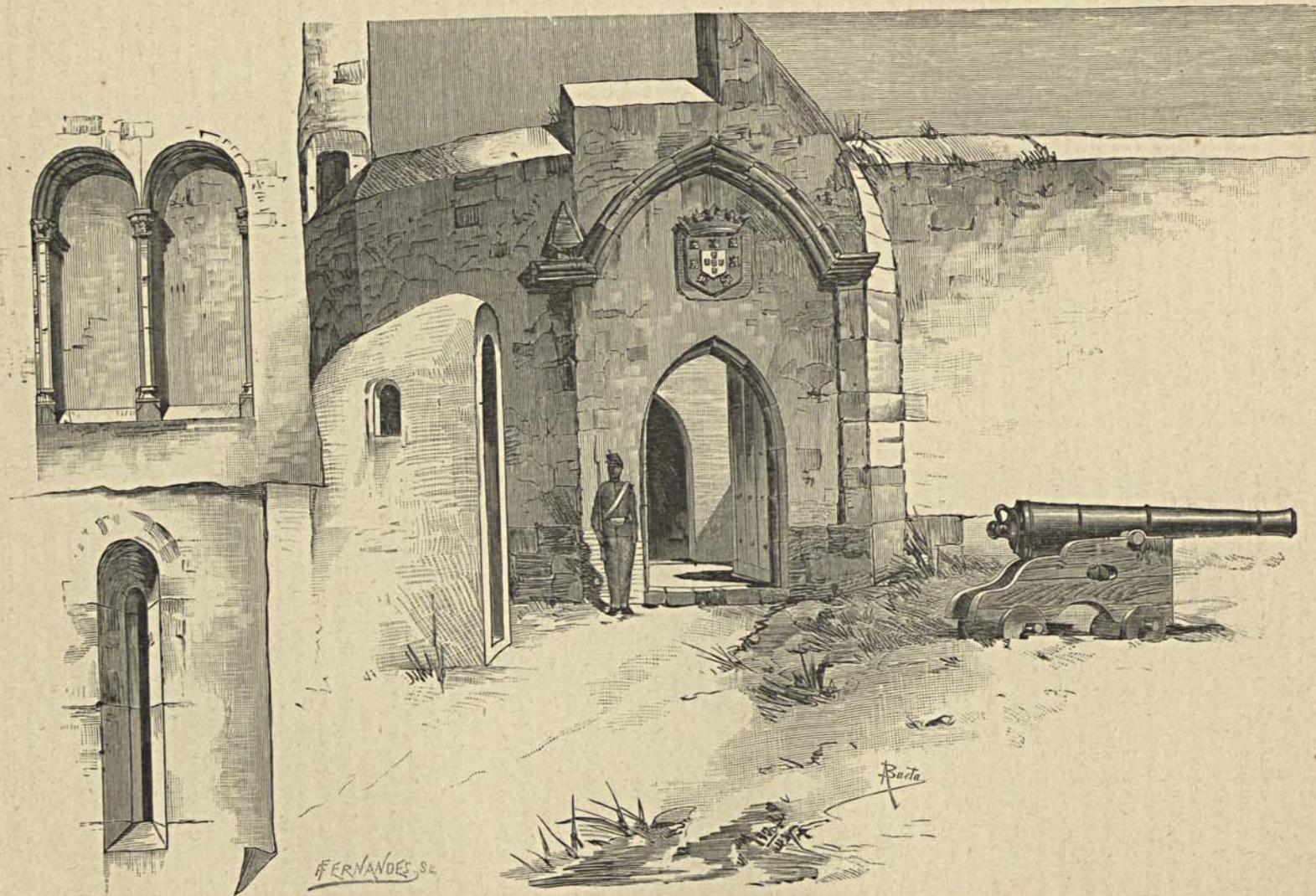
Damos hoje em outra estampa, tambem, como aquella, gravada pelo alludido artista, sobre desenhos originaes do sr. conselheiro Augusto Castilho, ex-governador geral da provincia de Moçambique, alguns *detalhes* da mesma fortaleza, que seriam sufficiente e claro testemunho da sua origem e anciandade, ainda quando mesmo não existisse documento algum que as comprovasse por modo indiscutivel.

E dividida a gravura em tres secções distinctas: na que fica á direita do leitor, vê-se a magestosa porta da fortaleza, olhando a leste: lá está no seu posto a sentinella competente, praça regularmente fardada e uniformisada, desmentindo assim a lenda, de que os nossos soldados no ultramar offerecem um aspecto andrajoso e miseravel.

Na parte superior da secção direita está reproduzida a formosissima janella de estylo manuelino, que se abre na face do sul; na inferior, uma fresta da torre de menagem.

Nada temos de essencial a acrescentar ao que escrevemos no n.º 53 sobre este assumpto: diremos, entretanto, que os ultimos lastimosos acontecimentos occorridos na nossa Africa, e que tanto emocionaram a opinião publica, sobressaltando e escandalizando com justissima razão o patriotismo portuguez, impõe-nos, em nosso conceito, a necessidade impreterivel e inadiavel, não só de restaurar, e harmonia com o que propoz o briossissimo official e intelligente funcionario a que acima nos referimos, a celebre e monumental fortaleza, como tambem de a artilhar convenientemente, collocando-a em condições de energica defeza, e centro de operações, que acaso tenham de emprehender-se, porque a sua posição é de uma grande importancia, mórmente nas circumstancias creadas pela attitude desleal e insolitamente hostil da nação, que sempre, ainda mal, considerámos a nossa mais antiga e fiel aliada.

F. PEREIRA E SOUSA.



SOFALLA (PORTA DA FORTALEZA, A LESTE; JANELLA MANUELINA; FRESTA DA TORRE DE MENAGEM)

UM DISCURSO DE JOSÉ ESTEVÃO

(Continuação do n.º 55)

E quando nós assim favorecíamos o commercio inglez com concessões tão vantajosas, Cromwell prejudicava altamente os interesses da nossa marinha mercante, promulgando o celebre acto da navegação, base fundamental do poder marítimo da Inglaterra; esse acto de navegação de que o systema continental de Napoleão é apenas uma parodia; esse acto de navegação que o protector decretou principalmente para castigar a Hollanda da resistencia que oppunha á revolução popular de Inglaterra; esse acto de navegação que nós deveríamos copiar agora, para nos desfornarmos das resistencias que a Inglaterra tem opposto á revolução popular de Portugal.

Pela morte de D. João IV as pretensões da Hespanha tomaram novo vigor. O gabinete de Madrid julgou que os brios da nossa nacionalidade iam ao tumulo com o cadaver do nosso rei. A França era inimiga da nossa revolução; a influencia do cardeal Mazarin entretinha esta hostilidade, e á côrte de Paris era inspirada tal politica por algumas vistas interesseiras, e por intrigas mulheris. A final na paz dos Pyrenéus a França por seus enviados propoz abertamente a conveniencia de uma restauração em Portugal, deixando apenas á casa de Bragança um vice-reinado interino. O nosso plenipotenciario respondeu a tão humilhante proposta com lealdade e energia, e lá souu nas terras de França esse primeiro — *Não* — historico, que tantos annos depois foi repetido por outro portuguez nas mesmas terras diante do maior capitão do seculo. Ah! senhores, quando aprenderemos nós tambem a dizer — *Não* — ao governo inglez? ... Dentro em pouco a morte do cardeal ministro, e outras occurrencias abrandaram o governo francez sobre as cousas de Portugal, e a nova dynastia de Bragança contou de menos um adversario. Então a politica instinctiva de dominar Portugal e enfraquecer a Hespanha, que a Inglaterra tem sempre seguido, aproveitou-se d'este ensejo para segurar com menos embaraço os seus interesses, segurando a revolução de 1640, que lhe tinha aberto novamente a influencia na Peninsula. Para isto estipulou-se o tratado de 1661.

E que concedemos nós á Inglaterra para este tratado? A mão da príncessa Catharina para o seu rei, príncessa que não sei se era formosa, mas que podia ser esposa de Luiz XIV; a posse de Tanger, trophéu glorioso de nossas campanhas africanas; a cessão de Bombaim, hoje importante capital de todos os dominios inglezes na India; finalmente, boas sommas de dinheiro, e o direito a todas as conquistas que das nossas terras fizessem aos hollandezes. E a que se obrigaram os inglezes no mesmo tratado? Obrigaram-se a defender-nos como a si proprios; a segurarmos as nossas colonias, a restituir-nos todas as possessões que a Hollanda nos tomasse depois d'aquelle tratado; e, finalmente, a restituir-nos a parte das rendas e territorio de Colombo, quando esta ilha por qualquer modo lhe viesse á mão. E como cumpriram os inglezes estas estipulações? Escuso recordalo, porque os factos ahí estão bradando contra a sua deslealdade e má fé.

O tratado de 1661 acha-se julgado pelos inglezes em importantes documentos. No discurso que Carlos II pronunciou na primeira abertura do parlamento depois de concluido esse tratado, dando parte do ajustado casamento com a princeza de Portugal, diz elle: *que o seu conselho privado julgava aquella alliança preferível a todas quantas lhe commetteram, e que esperava que as camaras seguissem a mesma opinião.* Depois d'isto o chancellier fez um longo discurso, para provar as vantagens da alliança com Portugal, e analysou, ridicularisando-os, todos os partidos que a diplomacia tinha offerecido ao seu rei.

O tratado de 1661, posto que desagradou á Hespanha, não a fez desistir de seus planos; a guerra continuou por algum tempo, e com successos. Os auxiliares inglezes combateram a nosso lado, acompanharam-nos, e se a bravura dos soldados não prejudicou nossas operações, a rivalidade dos seus chefes não lhes suscitou poucos embaraços. A despeito d'elles a victoria favoreceu-nos no Ameixial, as armas de D. João de Austria caíram aos pés dos nossos soldados, e grande foi a colheita de pendões castelhanos. Aqui, senhores, se levantou uma espada portugueza; aqui se ennobrecou e fez celebre; a munificencia do rei enfiou então n'esta espada uma corôa de conde; n'esta corôa, que atravessou dois seculos sempre fiel, rebenta agora um florão ducal, e sobre este florão está um açôr aberto com polvora e sangue; esta espada sagrada para a independencia e gloria do paiz, e todas as espadas tão nobres como esta, e todas menos engrandecidas, mas tão patrioticas, e as alabardas de nossos sargentos, e as bayonetas dos nossos soldados, e os chuços de nossos pazanos, todos são do paiz, todos lhe pertencem; o pó dos partidos não os podem enxovalhar, nem ellas podem dormir aos pés de um governo, que só vela para comprometter a dignidade nacional. Sim, senhores, todo o nosso exercito, tão pequeno como bravo, tão pobre como patriota, cerra os ouvidos á voz de facções para escutar as queixas da nação aggravada, e n'esse exercito ha uma mocidade desinteressada e cavalheira, em cujos corações as rixas politicas não têm amortecido a luz da virtude, mocidade a que eu me desvanço de pertencer, e que, como eu, saiu das escolas com as mãos ainda doridas das palmatoadas, para ir tomar as armas a favor da liberdade; mocidade, que commigo despreza as rabugas da velleice e o despeito da obscuridade; esta mocidade só tem por timbre a honra do paiz, e por gloria e fortuna morrer para a conservar...

Em Montes Claros, Aljubarrota da familia bragançantina, outra espada portugueza abateu o orgulho de Castella, e o throno de João IV ficou cimentado em cadaveres portuguezes.

Os inglezes não se deram bem com o cheiro da polvora d'estas duas grandes batalhas, e apenas começada a guerra trataram logo de nos conduzir á paz. Queriam-se desembaraçados para destructarem no Oriente o tratado de 1661, empregando todas as suas forças para conquistarem aos hollandezes as terras de que lhe havíamos cedido nossos direitos. Alem d'isto contava shelling por shelling todas as

1 Allude-se á espada do Duque da Terceira.

despezas que faziam na guerra com Castella, e sobretudo queriam estorvar a alliança da França, que já se inclinava para nós, e que começava a ser infesta ás pretensões hespanholas; a grande rivalidade com a França, que depois desfechou com a guerra da successão, e o crescente poder de Luiz XIV já inquietavam a nossa alliada. Por todas estas considerações, e por meio dos mais astuciosos manejos, a Inglaterra levou-nos á paz com a Hespanha pelo tratado de 1668; tratado inspirado ao gabinete de Londres por economia, por politica, e principios de engrandecimento. Uma das condições da paz foi a cessão de Ceuta, primicia de nossa gloria africana, e os inglezes, que se tinham obrigado a defender-nos como a si proprios, pelo tratado de 1661, e a garantir a integridade do nosso territorio, foram os mesmos que nos obrigaram a uma paz, á custa da desmembração dos domínios da corõa portugueza!! Eis aqui como os inglezes entendem e cumprem os tratados!

Não foi adoptada sem opposição esta paz deshonrosa, e o partido do povo, que então era poderoso, porque o throno era feitura d'elle, como agora é tambem poderoso, porque tem imposto ao throno por tres vezes o sello das suas armas, foi arrastado pelas intrigas e pelas corrupções inglezas a adoptar a opinião pacificadora. Então Roberto Southwel, negociador inglez, comprou o juiz do povo; hoje que o povo tem aqui muitos juizes, e que não são venaes, lord Howard manda-os matar, e o punhal é o censo. Notae, senhores, ainda mais esta analogia historica.

Assim, senhores, dentro do espaço de vinte e oito annos negociámos com todos os partidos de Inglaterra, com a monarchia de Carlos I, com a republica, com o throno restaurado, e encontrámos sempre o mesmo empenho em defraudar nossos interesses, em nos arrastar a estipulações ruinosas; encontrámos sempre, em vez de alliança, oppressão.

A necessidade de distrahir os espiritos, assaz applicados aos assumptos politicos, e o desejo de abater o poder crescente da França, levou as armas britannicas a guerrear a successão do neto de Luiz XIV ao throno de Hespanha. Nós tambem com promessas de acrescentamento de territorio, e da alliança matrimonial da princeza Thereza com o pretendente da casa de Austria, fomos envolvidos por instigações da nossa alliada n'esta guerra desastrosa, e assignámos para isto com os mais coalisados o tratado de 1703. Varios foram os successos d'esta demorada lucta; durante ella alguma das nossas provincias foram assoladas, e muitas praças de guerra destruidas; entretanto o nosso exercito com audacissimo commettimento penetrou até Madrid. Quando principiámos a guerra já a princeza noiva tinha morrido, e por isso uma das condições do tratado era já impossivel; a paz fez-se, e nós ficámos possuindo as mesmas leguas de terreno de que até ali eramos senhores.

No mesmo anno em que assignámos o tratado de alliança de 1703, negociámos outro de commercio, que se conhece vulgarmente pela denominação de tratado de Methuen; esse tratado, que arruinou a nossa industria; esse tratado, que destruiu a *paua prohibitiva* do conde da Ericeira; esse tratado, fructo da venalidade de nossos ministros, que tem servido

de molde a todas as estipulações commercias que posteriormente fizemos com a Inglaterra, e que ainda hoje é objecto da sua saudade.

Com as vantagens e riquezas que este tratado dava á Inglaterra, meditou ella fazer face ás despesas a que pela guerra da successão ia sujeitar-se, e assim negociou primeiro a ajuda de nossos soldados e depois o auxilio de nossos teres. Esta é a politica de Inglaterra conosco; tratado de alliança para a ajudarmos a fazer a guerra, tratado de commercio para contribuirmos para as despesas d'ella. Tambem em 1810 como em 1703 houve dois tratados, um de alliança, outro de commercio.

O tratado de Methuen, em virtude do qual admitimos as fazendas inglezas de lã, que até ali eram prohibidas, a troco de um favor de direitos differencias nos nossos vinhos em relação aos francezes, foi julgado e caracterizado, pelos effeitos commercias que d'elle resultaram, pela opinião dos negociantes inglezes, pela discussão da sua imprensa, e por occorrencias parlamentares, da maior importancia.

O commercio de Inglaterra em Portugal depois d'este tratado subiu de 300:000 libras a 1.000:000 esterlino. O numero de navios inglezes entrados nos nossos portos quadruplicou; e um meeting de negociantes de Exeter, reunido para julgar da conveniencia das relações commercias com Portugal, adoptou a seguinte resolução: *Que conservar intactas essas relações era ter segura a prosperidade de Inglaterra, e que a infracção do tratado de Methuen seria a sua ruina, porque (diziam os negociadores inglezes) com grande custo se acha entre nós moeda que não seja feita com ouro portuguez.* Tambem a imprensa da opposição, que a penna de Charles King illustrava, demonstrou minuciosamente as vantagens do tratado de Methuen, e os esforços do *Mercator* foram de todo confundidos por aquelle habil escriptor. Finalmente, depois da paz de Utrecht, quando em consequencia das projectadas estipulações commercias com a França, que davam em resultado a destruição do tratado de Methuen, se apresentou no parlamento de Inglaterra um bill para a diminuição dos direitos dos vinhos francezes, foi tal o numero de petições e folhetos, foi tão grande a instancia dos oradores da opposição, tão explicitas as demonstrações das classes fabril e commercial, e tão terminantes as conclusões dos inqueritos a favor da alliança commercial com Portugal, que o bill foi rejeitado, apesar da pertinacia do ministerio, que estava cercado de prestigio da paz que com a França fizera, e rejeitado por um parlamento, onde a côrte exercia a mais poderosa influencia. Tão populares eram em Inglaterra as relações com Portugal!

A condição dos direitos differencias para os vinhos portuguezes era uma estipulação indefinitiva, de que a Inglaterra podia abusar, carregando tanto os vinhos francezes, que os nossos, apesar de favorecidos, não podessem ter um amplo consumo, e ainda assim d'esta pequena vantagem nos privou o seu governo em 1832.

Quando em 1763 se fez contra a Inglaterra a coalisção, conhecida pelo — *pacto de familia* — fomos instados pela França para nos unirmos a ella. A resposta que demos a essa arrogante missão é historica; recordal-a só é cobrir de vergonha a Inglaterra. Guar-

necemos praças, levantámos exercitos e combatemos pela causa da Gran-Bretanha. E que proveito tirámos de todas estas fadigas? A perda da colonia do Sacramento.

Quando a espada de Napoleão se levantou no meio da Europa revolucionada, nós fomos levados á guerra pela nossa alliada; a França contentava-se com a nossa neutralidade. Pelo tratado de Badajoz nós eramos obrigados a fechar os portos á Inglaterra, e a ceder Olivença á Hespanha. O imperador, n'estas e n'outras estipulações, só queria ganhar vantagem sobre os alliados da Inglaterra para negociar uma paz favoravel aos alliados da França. Com effeito, na paz de Amiens, depois de prolongadas discussões entre as duas partes contratantes, depois de acceitadas e rejeitadas diversas bases da negociação, os inglezes para ficarem com a ilha da Trindade deixaram-nos sem Olivença.

Em 1807 a nossa nacionalidade foi garrotada em Fontainebleau, a nossa lealdade para com a Inglaterra levou-nos a este deshonroso sacrificio; o imperador só nos feriu para chegar á sua rival. A bandeira tricolor tinha já passado nossas fronteiras; a aguiça franceza quasi já assomava como um agouro de morte sobre as torres de Lisboa, e o pavilhão inglez, arvorado no Tejo em 3o de outubro, levou para as terras do Brazil esse rei benevolo, cuja coroa n'este momento representava não tanto a nossa nacionalidade, como os interesses da Gran-Bretanha. No bojo da nau, que conduzia a familia de nossos reis, iam já as estipulações e decretos fataes, que deviam dar o ultimo golpe no nosso commercio e industria; ia já o tratado de 1810, esse tratado ignominioso, arrancado no meio da angustia a um governo tímido, como se aranca a bolsa a um viajante para resgate da vida.

Os inglezes queriam então Portugal sem governo, sem côrte; o nosso territorio era o seu arraial, o seu desembarcadouro, o seu deposito de viveres e recrutas, a sua base de operações; precisavam dominar o absolutamente para o poderem aproveitar para taes usos. O Brazil era uma mina, que até ali não tinham podido explorar á sua vontade; seu commercio não lhe tinha sido até então completamente franqueado, e as eventualidades da lucta pendente obrigavam o governo inglez a considerar o novo mundo como um refugio em suas ultimas calamidades. Os tratados de 1810 são a expressão d'estes pensamentos.

Depois d'estes successos, sabido é como nos lançámos na grande lucta, que para a Inglaterra era de vida ou de morte, na lucta, em que ella ou teria de succumbir, ou de que colheria, como colheu, todos os fructos; sabido é como a flor da nossa juventude, o oiro de nossos cofres, a paz de nossos campos, a gala das nossas cidades, o sangue dos nossos soldados, a devoção de nossos povos, se empenharam pela destruição do poder colossal do imperio; sabido é como a Inglaterra considerou pouco estes esforços, depreciou o valor d'estes sacrificios, e calou a gentileza de nossas armas.

E depois d'isto, a Inglaterra apregoa-se como salvadora da nossa nacionalidade; ella que só combateu e nos fez combater pela sua independencia!! Ah! senhores, quanto melhor nos não fôra, juço por juço, tyrannia por tyrannia, a da espada creadora de Na-

poleão, d'essa espada portentosa, debaixo de cujos golpes a Italia saiu do seu longo entorpecimento, viu desenvolver em seu seio o genio das artes, e fez passar depois seus legitimos soberanos das maravilhas, que só a ausencia de seus estupidos governos tinha ali produzido; d'essa espada portentosa, que aperfeicou as officinas da Belgica, que a fez rival da industria franceza, e que lançou ahí os germens d'esta nova nacionalidade, que a revolução de julho desenvolveu e sanctionou Sim, senhores, quanto melhor nos fôra a espada organisadora do imperador, do que o bastão d'esses proconsules orgulhosos, que insultaram nossos brios militares, que accenderam as fogueiras da inveja para n'ellas queimarem os nossos capitães, e que mais ferozes que os inimigos reduziram a cinzas todas as nossas fabricas?!

Depois da prolongada lucta, que deu á Inglaterra o imperio dos mares, que a fez senhora de tantas possessões, e que estendeu tanto seu commercio e poder, nós, seus constantes auxiliares, seus companheiros em todos os perigos, e não poucas vezes os salvadores da honra de suas armas, que tirámos, que parte nos coube no rico despojo d'esta batalha euro-pêa?

(Conclue)

GRANDE SUBSCRIÇÃO NACIONAL

Apesar de contrariada por circumstancias, que nos abstemos de mencionar e apreciar, mas todas, mais ou menos, se relacionam, proxima ou remotamente, com isso a que costumámos chamar politica, o pensamento da grande subscrição nacional, iniciada por uma commissão de cidadãos de todas as parcialidades e de todas as gerarchias sociaes, representando, por certo, fielmente os sentimentos de sincera e profunda indignação do povo portuguez pelo brutal e insultuoso ultimatum enviado ao governo em 11 de janeiro do corrente anno, em todo o paiz tem encontrado sympathico echo.

As sommas recolhidas amontam já a 262:885 $\frac{1}{2}$ 440 réis, e todos os dias se esperam de varios pontos do continente e ilhas adjacentes, como do ultramar quantias importantissimas.

A 11.^a lista da subscrição das damas portuguezas, determinada por iguaes motivos, e promovida independentemente d'aquella, accusa recibidos réis 16:352 $\frac{1}{2}$ 270.

Ao thesoureiro geral do ministerio da fazenda tem sido entregues por funcionarios, pensionistas do estado e outros individuos, para o fundo permanente da defeza nacional, creado por decreto de 10 de fevereiro ultimo, 12:181 $\frac{1}{2}$ 217 réis; o total subscripto ascende, segundo a relação n.^o 30, a 20:041 $\frac{1}{2}$ 518 réis.

Tambem a benemerita sociedade de geographia de Lisboa abriu uma subscrição entre os seus numerosissimos associados, de que se tem apurado quantias valiosas, destinando o producto, segundo se diz, a subsidiar os cidadãos que pretendam estabelecer-se como colonos na Africa portugueza.

Não pôde, pois, dizer-se que o movimento nacional de desaffronta se não haja pronunciado energeticamente; assim se não procurasse, ignorâmos por que e para que, entorpecel-o e amesquinhá-lo!

F. PEDEIRA e SOUSA.